



O Gaiato



PORTE
PAGO

Quinzenário * 12 de Julho de 1980 * Ano XXXVII — N.º 948 — Preço 5\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo

Pai Américo

Mais um 16 de Julho, o vigésimo quarto sobre aquele ocaso para a vida que a vulgaridade teme e os Justos esperam e recebem como o alvorecer da Vida, o Dia novo e sem fim no esplendor da Luz irradiante de Deus visto sem mistério e possuído absolutamente pela participação da Felicidade que é o estado eterno das Pessoas Divinas.

Pai Américo foi um homem feliz. A Felicidade é meta do Homem e a vida a oportunidade de a exercitar. Alegre, gostoso de brincar, pedagogo e realizador de «grandes coisas como quem brinca», assim foi desde criança, na juventude e maturidade, espalhando o bem e fazendo amigos por onde passou. Chegada a hora do primeiro grande encontro com Cristo, não se alterou com a palavra de ordem reservada aos Discípulos: «Se alguém quiser seguir-Me, renegue-se a si mesmo, pegue na sua cruz todos os dias e siga-Me». A Graça deu-lhe a sabedoria da afirmação «plenior» contida na reforçada negação que o verbo exprime. E ele renegou-se. Deixou a vida de que não tinha nada de que se envergonhar, a família, os amigos...

— tudo deixou logo. E, com o mesmo desembaraço com que sempre manejara a pena e os papéis de aduaneiro, «pegou na sua cruz todos os dias» e foi atrás do Mestre, espumante da verdade de que a vida é o preço da Vida e vale a pena perdê-la para A ganhar.

Para quem assim viu e crê, o Caminho da cruz, sem deixar de ser doloroso, não tira a alegria de viver, não impede a experiência da felicidade quotidiana, antes a revigora na intimidade com o Senhor, pelo conhecimento crescente do Seu Mistério que o andarem juntos lhe proporciona.

Homens desta raça contagiam felicidade em sua volta. Trazem em si o odor de Cristo. E, tal como o Mestre que a Si mesmo aplicou a palavra profética: «Quando o Filho do Homem for levantado, então atrairá tudo a Si» — também o discípulo que abraça a sua cruz, se vê erguido diante dos homens e se torna para eles polo de atracção.

Assim se explica o fascínio que Pai Américo causou e causou naqueles que consigo conviveram e convivem mediante os seus escritos, a sua Obra, a esteira de luz que o seu es-

pírito iluminado deixou inapagável. Deste encanto testemunha o artigo do Dr. Martins de Carvalho que um recorte de jornal nos trouxe há dias e não resistimos a publicar neste número aniversário.

Se o coração de muitos bate por Pai Américo e com Pai Américo, conforta-nos constatar a inteligência deste amor naqueles que podem e o amam também com ela. Ela é garante da intemporalidade a que Pai Américo pertence há vinte e quatro anos. Só o amor inteligente é verdadeiramente acto do espírito. Só o que participa da natureza espiritual não sofre corrupção. Que de hoje a vinte e quatro anos e por muitos vinte e quatro sem conta, ao lembrar Pai Américo, os homens ponham o seu coração e toda a sua alma no amor com que se amem. Assim estarão na Lei de Deus.

Padre Carlos

TRIBUNA DE COIMBRA

No nosso programa das Festas deste ano, pusemos uma conversa-mensagem com duas pessoas de cada terra. E o tema da conversa foi, essencialmente, sobre a criança e a terceira idade. A criança, sobretudo a mais pobre e abandonada, que encontra em nós? Os da terceira idade, mais carenciados de carinho e acolhimento, que esperam?

Em todas as terras encontramos, inquietação e planos maravilhosos. Recebemos testemunhos dolorosos. Recebemos testemunhos de vidas abertas aos carenciados de vida.

Em nenhuma terra encontramos acolhimentos suficientes para as crianças e para os velhos. Em todas as terras há muitos à espera. Em algumas há o aproveitamento do que havia e actualização do mesmo: asilos ou albergues adaptados a repousos, a convívios, a lares; outros transformados em casas familiares; salas de convívio e quartos de dormir, a dominar para a

terceira idade; espaço, sol, flores, casas pequeninas para crianças.

Também tivemos e temos de aceitar que a grande maioria das pessoas é alheia a estes problemas. São os instalados em si ou nas suas coisas. Os outros, o melhor que lhes pode acontecer é serem «coitadinhos». A um canto e não incomodem. «A minha vida chega-me.»

A inquietação e aos planos e realizações que encontramos, deixámos o testemunho de união de uma multidão que ainda quer amar e acredita no Amor. E deixámos também o testemunho desta mesma vida de Amor que foi a de Pai Américo — que o Senhor levou há 24 anos — mas vida que continua presente na inquietação pelos homens mais abandonados. Assim o queiramos seguir, iluminados pela mesma Luz de Deus que o guiou.

Padre Horácio

AQUI LISBOA!

Têm os sucessivos Pontífices assinalado a importância e a riqueza do desporto na educação integral da juventude. A conhecida máxima de Juvenal — *mens sana in corpore sano* — não foi esquecida pelo próprio Concílio Vaticano II, que ao assunto se refere, nomeadamente, na Constituição Dogmática sobre a Igreja e na Declaração sobre a Educação Cristã. De resto, desconhecer o fenómeno e a prática desportivos seria iludir uma realidade de larga repercussão nos planos individual e colectivo, nada consentâneo com os interesses e os padrões da sociedade actual. Deixemos, porém, a outros, especialistas no assunto, a abordagem de tal temática.

Vêm as considerações acima a propósito dos critérios que, dum modo geral, vemos prevalecer nas coisas do desporto, quanto a nós erradas e até nocivas. E que, salvo melhor opinião, não tem sentido falar de desporto de alta competição e de actividades profissionais sem encarar primordialmente

o desporto de massas, em especial a ginástica e a preparação física elementar. Pensamos, como aliás noutros aspectos da vida, que as elites são consequência das facilidades concedidas ao comum dos cidadãos, em igualdade de oportunidades, é certo, mas proporcionando a cada um o mínimo das potencialidades contidas em cada ramo ou disciplina de formação. O telhado ou a cúpula supõem alcerces sólidos e o vértice da pirâmide a base.

Geralmente, neste País de poetas, e não há aqui qualquer desconsideração pelos que de facto o são, pretendem-se sofisticadas e luxuosas instalações desportivas, acessíveis apenas ou quase apenas ao desporto de competição, sem atender à prática desportiva de formação-base. Gastam-se milhares de contos em subsídios volumosos, para edifícios ou fomento aleatório de certas modalidades, sem aproveitamento em conformidade. As verbas, em grande parte, são dirigidas ao desportista de

bancada, quando, por sua vez, há milhares de jovens, sobretudo em idade escolar, que nem dum professor dispõem para fazer o mais elementar exercício de ginástica. Por exemplo, na Escola Secundária de Loures, com largas centenas de alunos, no ano lectivo agora terminado, não se processou qualquer actividade gimno-desportiva. E nós sabemos que é a Escola a grande oportunidade e o local mais propício para a educação física da juventude, que muito contribuiria, até, para manter o equilíbrio psíquico, mesmo na comunidade, e para estabelecer relações ou vínculos fraternos numa sociedade tão carecida de paz e de união.

Falamos da Escola de Loures, a 15 km da capital do País. Pensando em termos gerais, fácil será concluir do que se passa por esse Portugal além, particularmente nas regiões interiores e em zonas onde a escolaridade obrigatória se torna difícil ou mesmo

Cont. na 3.ª página



Pai Américo num dia feliz: a inauguração dos moradios do Património dos Pobres!

PELAS CASAS DO GAIATO

Paço de Sousa

CONVÍVIO — Realizou-se no passado domingo, dia 22, um convívio entre antigos rapazes, já casados, das redondezas de nossa Casa, em que houve uma partida de futebol, cujo resultado não interessava. O encontro foi mais para preencher o tempo. No fim, houve um bom e apetitoso almoço, sendo cozinheiros o Neca e o Adriano. Estava realmente uma delícia! Compunha-se de sardinha assada, batatas e a pinguinha não faltava.

Um domingo bem passado. Sairam todos daqui felizes.

Agora, esperamos que, oportunamente, se reencontrem todos os antigos gaiatos, espalhados pelo território português. Se assim for, que tudo corra o melhor possível. Pois se este encontro já assim foi e gostamos que convivessem connosco, até para aproveitarem ver novas caras que preencheram os seus lugares.

VISITANTES — São muitas as pessoas que nos visitam! Gostam de estar connosco, de oferecer um pouco do seu carinho. Assim, no dia 22, também pela segunda vez, recebemos gente de Lordelo (Paredes). Procuraram um lugar fresco. Almoçaram. Conviveram com rapazes nossos durante o dia e partiram por volta das 20,30 horas. Gostaram de nos conhecer e levaram daqui boas recordações. Pois nós também gostamos que nos visitem. Venham sempre até nós. A nossa porta está aberta a toda a gente.

PRAIAS — As praias começaram para a comunidade de Paço de Sousa.



Coelho e Anita, no dia do casamento.

sa. Desta feita, já se encontram em Azurara os rapazes mais pequenos da nossa Aldeia, juntamente com a D. Maria Angélica, «Faniqueira» e Ulisses.

Então que tal os dias? Não sabemos aqui, mas aguardamos que talvez o «Faniqueira» envie uma crónica para os nossos amigos ficarem a saber como tudo decorre.

Só nos resta desejar bom tempo, bons banhos e que guardem um pouco de sol (e, quem sabe?, chuva) para os turnos que ainda faltam.

A partida, todos contentes, com malitas aviadas para descansar os seus dias. Todos contentes, pelo caminho lá vão a cantar. É uma alegria voltar a ver Azurara, praia tão apetecida nestes dias de Verão!

16 DE JULHO — Faz 24 anos, no próximo dia 16 de Julho, que faleceu o fundador da Obra da Rua — Pai Américo.

Não o conheci, pois nasci depois do seu falecimento.

Pai Américo, amigo dos Pobres, das crianças abandonadas, construiu Casas, a que deu o nome de Casas do Gaiato, por vários pontos do País. Também lançou o Património dos Pobres. Mas não foi só isto que deixou; também uma rica mensagem, que todos os quinze dias distribuímos por várias terras do mundo: O GAIATO. É um jornal que enche o coração de fé a muita gente que o gosta de ter apertado em suas mãos, outros dando-o a ler, para que possam conhecer melhor a Obra da Rua.

No dia 16 de Julho aproveitaremos para dar um passeio, levando o almoço pronto para comer ao ar livre. Contudo, todos os dias nós sentimos verdadeiramente que Pai Américo nos escuta em nossa oração da tarde. Ele está sempre todos os dias connosco, sejam estes amargurados ou felizes. Nós recordamo-lo e reconhecemo-lo. Ele é nosso Pai; nós os seus filhos, tendo como mãe a grandiosa Obra da Rua.

«Salsichas»

MIRANDA DO CORVO

O Chiquito Zé interrompeu a minha tarefa dizendo que escrevesse uma crónica para o jornal. Pronto. Comecei a pensar no que iria escrever.

Aqui estou, dando uma palavra aos leitores para que saibam o que se passa no nosso pequeno mundo. Digo pequeno mundo porque vejo que há muito que descobrir e lutar, para construir um mundo grande.

ENSINO PRIMÁRIO — «Arre burro!...», disse o Zeca, quando ao sair da Escola, para beber o seu leite apetitoso que, todas as manhãs, pelas 10,30 h aquele que fizer em primeiro lugar as contas, se encarrega de abrir os pacotes de «Grosso», que contém o líquido branco que, depois de quente e com açúcar, dá gosto beber.

Mas não é só isto que acontece doravante em nossas Escolas; há o ensino em que os professores Carlos Manuel e sua esposa Maria Helena, se dão à missão de dar do que sabem. Bati à porta da Escola nova;

pedi licença ao sr. professor para entrar e estar ali um bocadinho; reparei nos seus olhares e sorrisos; lá fiquei a apreciar aquelas orações movimentando-se nas carteiras, bichando com olhos mais esperanças do que os ratos. No quadro, competia o «Finote», fazendo um problema que o professor lhe ditara, e vi que a seu lado estava o Paulo Jorge, filho do nosso João, cabibaixo, «amarrado» no problema. A meu lado estava o «Págó». Perguntei se já tinha feito o problema. Respondeu-me com palavras meigas e fininhas que passavam entre as rodas do comboio e os carris: — «Sim, já fiz. Olha aqui, está tudo certo». Olhei ainda mais para ele e ainda acrescentou: — «É aquela velha máquina». Afastei-me dele, encontrei-me com o César isolado dos outros: — Então, já fizeste o problema?

Olha para mim com um riso de criança, mostra-me o livro e diz que não tem caneta.

E assim vai o Ensino Primário dando voltas nos mais pequenos.

JOGOS — O jogo é sempre uma actividade que nos diverte, não só o nosso espírito, como também o corpo todo. Aqui em Casa temos matreços, em que os rapazes se costumam juntar para que haja um bocadinho de convivência e desportivismo. Mas não são só os matreços. Os mais pequenos divertem-se nos jogos, como o jogo da rede: apanhando-se uns aos outros, de mãos dadas, até formarem uma grande rede. E outros jogos nos fazem divertir. O jogo mais importante como desporto, é o futebol, onde a rapaziada se desfaz das suas regras. É uma desordem, em que há sempre barulho sem saber o porquê. Mas vai sempre ao sítio com o diminuir dos minutos. O «Chola» é sempre a gráfolona; ou é por isto, ou por aquilo, faz mais algazarra do que 500 galinhas quando vão picar um punhado de milho. Já foi «Pistolas»; agora é «Chola»; só faltava ser gráfolona; mas não vamos magoar o rapaz, porque pode não ser bom no futebol, mas é bom noutras modalidades.

FESTAS — As Festas são o apanhado de novos olhos curiosos. A volta está terminada, com o nosso sopro de coragem. Começamos em Miranda do Corvo e acabámos definitivamente na Mealhada. E engraçado começamos e acabamos no M.

Festas é sempre uma palavra cheia de entusiasmo em nossa Casa, começando no mais pequenino e acabando no mais velho. Foi uma grande tarefa, noites de calor que nos fizeram brilhar os olhos, em cansaço e esforço, dando do que temos e, recebendo do que têm, trocando amor; é sempre bom trocar o nosso amor por outro amor, seja ele qual for, doce ou amargo; foi sempre do que eu gostei: amar, ver o mundo sorridente. Não quero ser só eu a gostar de amor e ver o mundo sorridente; mas sim também vós leitores e não leitores, seja de que nível de vida forem. Amemo-nos uns aos outros, vendo o mundo florido.

CONVÍVIO DA R. R. — No domingo, dia 22 de Junho, houve festa

da Rádio Renascença em Arganil. Todos nós somos amigos da Rádio Renascença. Alguns dos nossos foram ao convívio de Arganil e voltaram com alegria e muito satisfeitos, sobretudo com o almoço partilhado.

Guido

Notícias da Conferência de Paço de Sousa

● Oportunamente, solicitámos a uma empresa distribuidora de lotaria que admitisse, oficialmente, ao serviço, entre os seus cauteleiros, o deficiente a quem fornecemos uma cadeira motorizada — meio indispensável à sua promoção social.

— Em relação às carências que nos indicam, o deficiente ficará em primeiro lugar na lista para ocupar a próxima vaga.

Atenderam-nos de mãos abertas! É evidente, enquanto não se efectivizar o posto de trabalho, e uma certa rendibilidade, continuaremos a partilhar na subsistência do agregado familiar. Contos de réis por mês.

Hoje, o nosso Amigo aparece que nem um sino!

— Já tenho resposta da lotaria! Ora leia.

Todo ele se mexe na cadeira, assim a moda de quem deseja caminhar pelo seu pé...

— Já leu? É a partir de Julho que entro ao serviço.

— Vamos tratar das massas para levantar, a tempo, a primeira remessa de cauteleiros. E não esqueça de ir tratar da licença às Finanças! Como vê, sublinhámos, não tardará a ganhar, honestamente, o pão pelas suas próprias mãos...

— Eu não queria mais. Com a jorna da minha mulher e os ganhos da lotaria a gente vamos nos safar, se Deus quiser. Graças a Deus!

Encontro feliz! Nos olhos deste Amigo salta uma lágrima discreta. Não admira. O coração fica sensibilizado ao rubro. E se, agora, com a colaboração dos nossos leitores, já não é, muito menos será um coitadinho, um marginalizado — com as potencialidades que lhe restam, idênticas às de um homem normal.

Seria possível resolver muitos casos, dispersos pelo País, e não passamos da «cepa torta!» Uma concha de inércia, surda aos clamores do deficiente, tem relegado a sua força de trabalho, e promoção social, para segundo plano!

● Há poucos anos a desgraça bate à porta de um emigrante português, nosso amigo, trabalhador da construção civil. Ficaria completamente inutilizado... Mas, no país onde trabalha, além dos benefícios d'ordem material, os serviços competentes — após o tratamento clínico, testes adequados e a expressa vontade do deficiente — proporcionaram-lhe uma reconversão profissional, com formação específica, até o investimento necessário como pequeno empresário!

Já não é pensionista. Mas um homem activo, que exerce a sua limitada força de trabalho com proveito

para a sociedade onde está inserido. Vive feliz. Ocupado. E sem traumas!

PARTILHA — Por mão anónima, um cheque e uma ressonância, de Vila Nova de Gaia:

«Recebo O GAIATO com muita alegria e é pena que todos os portugueses não tenham acesso ao vosso jornal, pois ele é rico e toca a qualquer pessoa por muito dura que seja.

Não sou rico, mas também não posso achar-me pobre. Pelo que vejo há muita carência por todo o lado! Sendo assim, eu contribuo com o que posso: mil escudos para darem alguma coisa à senhora viúva do falecido electrocutado.

Peço que não divulguem o meu nome, pois prefiro ser anónimo.»

Chegou na hora própria, que houve necessidade de abrir mais a bolsa para que a viúva tenha uma mesa mais abonada e os filhos não sintam, por aí, a ausência do Pai — que a pensão de sobrevivência ainda está em gestação!

Vale de correio de Santarém: 300\$00. Os 200\$00 habituais, pela mesma via, do casal-assimante 17022. Metade «por alma de Albertina e Joaquim», entregues no Espelho da Moda. E só mais 200\$00 de «velha amiga», de Lisboa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

Tojal

VISITAS — Inúmeros alunos de várias Escolas de diversos níveis de ensino têm vindo conviver com os nossos rapazes e conhecer mais de perto o que é a Casa do Gaiato e como toda a vida quotidiana se processa.

Mas para além de visitas de carácter escolar, temos sido alvo da atenção de Grupos Paroquiais, Grupos de Jovens e Grupos de Catequese. No momento em que alinhavo estas linhas já chegaram até nós cerca de quatrocentas pessoas das freguesias de S.to António dos Cavaleiros e Póvoa de S.to Adrião. Deste grupo faz parte um de rapazes da Catequese, outro de jovens e respectivos familiares.

Do programa da sua visita, que ocupará todo o dia, faz parte um jogo de futebol com os nossos rapazes e um pequeno espectáculo de variedades.

A todos estes grupos os nossos agradecimentos por terem vindo e voltarem sempre que possam. Nós cá os esperamos; somos a porta sempre aberta.

PEDIDO — O responsável pelo pelouro dos sapatos tem-se visto e desejado para calçar os rapazes mais novos!

A falta de sapatos nas medidas compreendidas entre os números 30



Lar Operário em Lamego

O contacto directo com as populações deixa-nos ver as enormes carências que as fazem sofrer. Há muita coisa que se avalia só pelo exterior. Vêm os dias festivos e todos aparecem de fato domingueiro e rosto lavado, deixando concluir fácil, mas enganosamente, que tudo corre menos mal. O dia a dia, porém — uma doença na família, um contra-tempo de qualquer espécie, a educação dos filhos — auscultado por quem sabe viver os problemas dos Outros, vê nitidamente que há necessidade de qualquer associação, grupo de bem-fazer, movimento de solidariedade que seja «pronto socorro» a suprir o que falta.

Às vezes será só educação, mas são precisas Escolas de vários níveis. Outras vezes será ignorância, mas exigem-se mestres. Aqui é desconhecido o Evangelho distribuído aos pequeninos, mas pede-se a presença das Educadoras Rurais. Acolá é a família a viver sem a dignidade que lhe é indispensável, ou a trabalhar os campos à maneira dos avós, mas volta a lembrar-se alguém que multiplique cursos de formação.

É verdade que vão aparecen-

e 38 são uma realidade. Lembro aos amigos leitores que cerca de dois terços da comunidade do Tojal são rapazes com idades compreendidas entre 6 a 15 anos.

O responsável pelos sapatos deixa aqui o seu apelo ao cuidado dos caros amigos leitores, ciente de que será correspondido.

Casa do Gaiato de Lisboa — S.to António do Tojal — 2670 Loures.

António José

do certas «obras» cheias de boa vontade no coração e com o espírito disposto ao sacrifício pelos Outros. Esta riqueza espiritual, a maior parte das vezes, não chega para atingir os fins em vista. Os tempos avançam, as técnicas progredem, as exigências impõem-se e os métodos novos são mais eficientes. Há necessidade de apoio, de incentivo, de ajuda económica para levar ao maior aproveitamento a generosidade dos que trabalham nas Instituições Privadas de Solidariedade Social, como agora se diz.

Houve no Porto, há semanas, o II Congresso a realçar o valor e a importância daquelas Instituições. Os interessados juntaram-se em grande número, tendo oportunidade de ver, ouvir e sentir o que ainda vai por esse Portugal fora, de amor generoso e voluntário em favor dos nossos irmãos mais carecidos.

No final do encontro esteve presente o Ministro dos Assuntos Sociais que dirigiu aos presentes palavras de apreço pelas Instituições Privadas de Solidariedade Social. As suas afirmações foram rajadas de esperança para os corações que ainda se sabem dar aos Outros. Ficámos convencidos de que uma nova era vai surgir para as Obras Particulares de Assistência, fazendo justiça à colaboração que prestaram durante muitos anos. A medida que, no Congresso, se expunham os temas de estudo e depois nos diálogos formados à sua volta, surgiam novos pontos de reflexão.

É frequente a concessão de «bolsas de estudo» que facilitam o aprofundar de conhecimentos. Nestes moldes veíamos à lembrança um subsídio

eventual que permitisse remunerar a responsável do trabalho com as crianças. O Jardim Infantil de Samodães encontra aqui a sua maior dificuldade. Está quase completo o quadro dos elementos indispensáveis para formar em pleno o Jardim: 1.º Temos crianças; 2.º temos crianças abandonadas todo o dia na rua; 3.º temos mais de 80% de crianças vítimas do álcool; 4.º temos mais de 90% de crianças que não podem seguir além da Instrução Primária; 5.º temos salas com mobiliário mais ou menos adequado; 6.º temos

amigos que vão continuar a ajudar à conclusão da sede. Só nos falta a importância necessária para convidar uma responsável que no fim do mês precisa do seu ordenado. A solução, até melhores dias, é um subsídio, ou donativos particulares, ou oficiais.

Para a construção de casas do Património dos Pobres apareceram ofertas totais, mas apareceram também algumas prestações e até com denominações, como «Casa da Esperança», «Casa do Sofrimento», «Casa dum grande Amor», etc., etc. Para estas casas concorreram várias pessoas segundo o título que lhes era mais sugestivo. No momento presente colocar-se-ia em destaque o Jardim Infantil de Samodães. Criava-se um fundo para o qual

concorriam os mais compreensivos e os mais generosos. Poderíamos lembrar nomes pomposos, ou que nos falassem ao coração, mas por certo todos admiram a simplicidade e então ficava: para a mãe dos pequeninos do Jardim de Samodães. E começando por um ténue fiozinho de 50 ou 100\$00 mensais, chegariam ao preciso para o ordenado da encarregada.

Nós ficamos a sonhar e a viver o entusiasmo de amanhã, em que olhando para o valor do homem total, para a dignidade da criança e para a força da Caridade, sem esperar sem pelos outros, alguém se lembre de abrir caminho para uma nova procissão de Amor.

Padre Duarte

O 3.º volume do livro «DOCTRINA»

Não tarda a ser concluída a impressão do terceiro volume do livro DOCTRINA.

Correspondendo à receptividade dos leitores, respigámos de O GAIATO para este volume — na linha do primeiro e segundo — mais uma riquíssima fatia do espólio literário de Pai Américo.

Já vai sendo tempo, realmente, de fazermos a compilação completa dos seus escritos... — sublinhamos em Nota Editorial. Tanto pelo seu conteúdo humano-espiritual, como pelo enlevo estético que prendem os leitores.

Pai Américo «não era um homem enfronhado nos vícios

literários. Escrevia como falava. O que deu como resultado — segundo um comentarista d'algures — um estilo vivaz e cativante, de uma singeleza de que nenhum escritor português foi capaz até este momento».

A doação total ao «Lixo» da Rua (que seríamos, hoje, muitos de nós?), ao Pobre das mansardas, motivaram a Pai Américo — pelo seu carisma — ressonâncias caldeadas na Boa Nova que, pela sua intemporalidade, a traça não corrói, caldeando por isso inquietação divina entre os homens de boa vontade.

Quando esta edição de O GAIATO sair para a rua,

a offset talvez já imprima a capa da obra. Depois, será o acabamento na encadernação. Por fim, a expedição para os assinantes (mais de 5.000), cujo trabalho não é fácil por colidir com as de O GAIATO.

O nosso apontamento mais não é que uma primeira sensibilização de milhares de Amigos para o lançamento do DOCTRINA, a efectivar oportunamente. Então, incluiremos em O GAIATO um postal RSF para — quantos não sejam assinantes da nossa Editorial — poderem requisitar esta e outras obras de Pai Américo.

Júlio Mendes

AQUI LISBOA!

Cont. da 1.ª página

impossível a grande número de jovens.

Há falta de professores ou de monitores e de instalações. Aqueles, naturalmente, procuram, como as outras classes, os lugares e as terras mais rendosas. O encaixe nos grandes clubes, mormente no chamado desporto profissional, é a grande meta a atingir. Quanto às segundas, as pessoas, mesmo com certa responsabilidade, só as entendem altamente especializadas e monumentais, ao contrário do que sucede noutros países, onde os locais para a prática de desporto se multiplicam lado a lado, simples e funcionais e em que o factor assistente quase não conta.

Neste, como noutros sectores, muito há a fazer. Pensamos, todavia, que aqui também o óptimo é inimigo do bom. Professores zonais, passando

pelos Escolas e centros populacionais mais densos, poderiam iniciar a escalada da promoção física das gentes, com um mínimo de recursos materiais. Ao Estado compete grande responsabilidade. Por nós, Casa do Gaiato, já há largos anos que ansiamos por alguém que venha dar ginástica adequada aos Rapazes, ajudando-os na construção do edifício físico, que o resto vamos procurando nós fazer, para que, o «corpo são em alma são» seja uma realidade nos futuros homens deste País. Deixemos de ser megalómanos e tenhamos sentido prático, arregaçando as mangas e aproveitando os recursos de que dispomos.

● Estão a chegar as férias, óptimo momento para o relaxe psíquico-anímico e a recuperação de forças. Infelizmente, porém, elas serão antes, para muito boa gente, ocasião para maior dispêndio de ener-

gias e de dissipação. Que os tempos de férias sejam, de facto, para descanso do espírito e saúde da alma e do corpo, são os nossos melhores votos para todos os nossos Amigos.

Os nossos Rapazes, em turnos sucessivos, irão até S. Julião da Ericeira. Que eles saibam aproveitar os raios solares e o iodo do mar, já que outros, aos milhares, porventura mais necessitados, não terão essa oportunidade, com grande tristeza nossa.

● P. S. — Para esclarecimento de quem nos escreveu, informamos mais uma vez que, em Lisboa, dispomos dum Lar, na Rua Ricardo Espírito Santo, n.º 8-r/c D.to, à Estrela, onde poderão ser entregues quaisquer ofertas ou donativos. O mesmo se diga na Secretaria do Montepio Geral, na Rua do Carmo, e no Franco Gravador, Rua da Vitória, 40, na baixa lisboeta.

Padre Luiz



Os «Batatinhas» no desempenho do seu papel nas Festas de Setúbal

O Espírito e a Obra de Pai Américo

Américo de Aguiar — este nome diz certamente pouco à grande maioria dos portugueses. Era um rapaz alto, enérgico, empreendedor, quando há muitos anos partiu para África e por lá andou uns tempos, ora nos territórios então portugueses, ora na actual República sul-africana. Voltou homem feito, e sentiu o irresistível apelo de Deus. Da sua vocação houve quem duvidasse, segundo parece até a própria Hierarquia. Mas ele teimou, ordenou-se e rapidamente se definiu. Não se demorou a ser «o senhor Padre Aguiar». Em breve o País passou a conhecê-lo por um nome simples. O Padre Américo.

O Padre Américo foi das personalidades mais fascinantes com quem até hoje me foi dado conviver. De uma humildade franciscana, era capaz de atitudes de grande senhor, como na reserva quanto às dádivas testamentárias, pois, para ele, só «a esmola viva» tinha verdadeiro significado e expressão. Ou na coragem de dedicar meia dúzia de palavras à «generosidade» de um grande do Mundo e meia-coluna à esmola tirada pela viúva da sua magra pensão.

Da bondade proverbial do Padre Américo nem valerá a pena falar. Mas merece referência o profundo realismo da Obra realizada, rijamente alicerçada nas necessidades objectivas «dos nossos pobres» — como ele

dizia — fossem eles crianças ou adultos, famílias sem residência ou doentes sem esperança de cura.

O apurado sentido do concreto levou-o a criar as Casas do Gaiato, para auxiliar — em regime de portas sempre abertas para a rua — as crianças que, antes dele, quase só viam diante de si o Asilo ou o Reformatório. Mas veio depois o Calvário, para os desenganados da medicina, tal como tinha surgido o Património dos Pobres, para dar casa própria às famílias sem tecto. E, ao mesmo tempo, o apoio à Auto-construção; a luta contra o Barredo, do Porto e os diversos «barredos» do País; os lares para jovens; o apoio a formas de artesanato que tanto ajudavam as mulheres que, sem outro recurso, a ele vão recorrer. Um nunca mais acabar.

Indiferente às peias burocráticas, o Padre Américo acabou por impor-se aos próprios serviços públicos tradicionalmente mais formalistas (e ficou célebre, pelo desassombro e pela humanidade, a deliberação do Tribunal de Contas a respeito da Obra da Rua). Escritor nato, o seu estilo inconfundível e de raiz popular — com laivos vicentinos nas observações e ironias à Eça de Queirós — ficou a assinalar quase todos os números do seu «quinzenal» e os vários livros que nos deixou. Personalidade fortemente vinca-

da e afirmativa, podia chocar (e quantas vezes terá chocado!), sobretudo quem sacrificava nas aras do exterior. Mas, para milhares de jovens, ele era e é ainda hoje «o Pai Américo». Levado deste mundo em plena pujança criadora, não poderei esquecer a resposta linda que me deu um dos «Batatinhas», quando pouco depois da sua morte passei por uma das Casas do Gaiato e lhe perguntei por ele: — «O Pai Américo? Foi fazer uma grande viagem. Mas há-de voltar!»

O Padre Américo soube reunir em torno de si não só almas generosas sem conta (às dádi-

vas ele chamava «o calendário da tua generosidade») como um grupo de sacerdotes. Embora as vocações não hajam surgido entre os rapazes da Obra da Rua — e este facto bastantes vezes me tem feito reflectir — certo é que a continuidade dela ficou e está perfeitamente assegurada, coisa rara em actividades cujo fundador lhes imprime um tão acentuado cunho pessoal. Deste modo, além de constituir uma lição de cristianismo actuante e criador, faz bem à alma acompanhar um fecho de luz que continua a caminhar e a crescer, apesar dos reveses sofridos em resultado das condi-

ções em que foi feito o abandono do ultramar português.

Quer dizer: o «Batatinha» não me enganou... O Padre Américo pode ter ido fazer «uma grande viagem». Mas o seu espírito e a sua Obra continuam entre nós, presentes e a frutificar.

Por tudo isto, e sem saber se o assunto já porventura terá sido considerado pelas entidades competentes, muitas vezes me ocorre perguntar: — quando se iniciará o processo de beatificação do Padre Américo? Neste mundo egoísta e apressado, poucos como ele o poderão merecer.

H. Martins de Carvalho

Reflectindo

No dia 16 de Julho, mais um ano se completa sobre a morte de Pai Américo. Celebraremos esse dia com a certeza de que se mantém vivo o seu espírito. Vivo não apenas nos rapazes que agora se fazem homens nas Casas do Gaiato, ou naqueles que por elas já passaram, mas também na multidão daqueles que ao longo dos anos têm sido tocados pelo seu testemunho de Caridade.

O impacto da vida de Pai Américo é força que se mantém operante e os seus reflexos chegam até nós através das mais variadas expressões. Muitos daqueles que o conheceram em vida, recordam ainda os seus contactos com ele, manifestam as marcas deixadas

pelas palavras e atitudes dele recebidas e contam da explosão de verdade contida no seu viver.

A Obra criada por ele, prolonga a sua vida e continua geradora de amizade naqueles que conhecem Pai Américo através dela. Amizade continuamente manifestada por aqueles que amam essa mesma Obra. Amor que se define pelo respeito e pela ajuda que até nós chegam no dia-a-dia.

Se nos comove a generosidade e a partilha, não nos comove menos a confiança por vezes traduzida nos desabafos das dores que batem à porta de muitos dos nossos amigos. Quantos nos contam da sua solidão, dos seus problemas familiares, das suas dificuldades materiais. Quantos nos dizem da sua vontade de nos ajudar impossibilitada pelas próprias dificuldades materiais, não sabendo que a manifestação dessa vontade é já, em si mesma, incentivo de grande valor.

O amor é operante e é o amor que vive em muitos corações que permite a continuidade da vida da Obra de Pai Américo. Amor que tem a sua raiz em Deus, mas que passa pelos corações de carne dos homens por Ele criados e que depois se manifesta no meio deles.

Queria eu hoje falar-vos, de uma maneira muito especial, daqueles que nos visitam. De ano para ano aumenta o seu número. Enchem-nos a Casa, procurando tocar o viver desta família.

Os meses de Maio e Junho são principalmente marcados pelas excursões das escolas, colégios e liceus. Grandes grupos sobem a avenida e procuram quem lhes fale, quem lhes mostre. Alguns entram estranhos e saem amigos. Se digo alguns e não todos, é porque nem sempre a nossa disponibilidade é a necessária para matar a sede de quem chega. Numa família normal, há bons e maus dias. Nesta também, mas a intensidade dos sobressaltos é aqui multiplicada. Que nos perdoem e compreendam aqueles que nos visitam.

Louvamos a preocupação de muitos professores de transmitirem aos seus alunos o significado das Casas do Gaiato. Muitos nos dizem: — «Não vimos ver as Casas; queremos mostrar aos nossos alunos as realidades da vida e o que se pode fazer no sentido de ajudar os outros e como alguns dos mais novos compreendem!»

Não só as escolas nos visitam em grupo, mas também grupos paroquiais de Catequese, de Casais, de Cursistas. Também fábricas vêm até nós com os seus patrões e empregados; irmanados, vêm ver-nos e vêm testemunhar-nos a sua caminhada no sentido de unidade no seu campo de trabalho.

Com tudo o que acima ficou dito queremos mostrar aos leitores o fluxo de vida que acontece quando há partilha entre os homens.

Padre Abel

Movimento Esperança e Vida

VIÚVAS

3 ORGANIZAÇÃO DO M. E. V.

«A estrutura do Movimento, tendo por cúpula um Secretariado Nacional, é constituída pelos seguintes elementos: Centros, Conselhos e Assistentes.

O Secretariado Nacional, composto por uma Responsável ajudada por algumas dirigentes diocesanas, tem por missão:

- animar os Centros diocesanos,
- tomar iniciativas de carácter nacional ou regional,
- assegurar a formação das Responsáveis através de Encontros regulares e de um boletim informativo.

Uma equipa responsável, dirigida por um Assistente, está encarregada, em cada Diocese, de animar as diferentes actividades ao serviço das Viúvas e de estabelecer ligação com as equipas locais. Estas equipas são constituídas por algumas Viúvas desejosas de contactar com toda a Viúva recente para a cercar de amizade, oferecendo-lhe o apoio das actividades do M. E. V. adaptadas à situação particular de cada uma, quer vivam no campo ou na cidade, quer tenham ou não família, quer sejam novas ou tenham ficado viúvas depois de longos anos de vida comum.

No plano internacional existem vários Centros do M. E. V. no Canadá, Espanha, França, Portugal, Suíça..., e outros estão em formação. O M. E. V. está estreitamente relacionado com movimentos similares da Bélgica (Fraternité des Veuves) e da América Latina (Naim, au

sein du Mouvement Familial Chrétien) sendo conselheiro espiritual, em plano internacional, o Cónego Caffarel.

MEIOS DE ACÇÃO

São muito diversificados os meios de acção do M. E. V.: Equipas de amizade por freguesias, por bairros, por afinidades (de trabalho, de vida, etc.) e Círculos de estudo, partindo de «temas» sobre as problemas particulares da viuvez (esses estudos podem ser pedidos ao Secretariado do M. E. V.: Rua Eugénio de Castro, 426 — Hab. 12 — 4100 PORTO). Conferências, tendo como objectivo responder às várias perguntas que se põem quando falta o chefe da família. Recoleções, retiros, peregrinações, «Passeios familiares», «Encontros de amizade», etc.

Os meios mais usados em Portugal são constituídos por: reuniões mensais, de carácter espiritual e de carácter formativo; umas a nível de responsáveis, outras a nível de massa. Além disso, toda a espécie de iniciativas apropriadas: convívios, encontros de trabalho em comum, participação em movimentos da Igreja e de entre-ajuda.

Faz ainda parte do trabalho do M. E. V. informar o Clero paroquial e a Hierarquia sobre os problemas das Viúvas e trabalhar em colaboração com os diferentes Movimentos da Igreja.

Júlio Mendes



Director: Padre Carlos
 Chefe de Redacção: Júlio Mendes
 Redacção e Administração: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
 Composto e impresso nas Escolas Gráficas da Casa do Gaiato — Paço de Sousa

Tiragem 41.150 exemplares